

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PROFESSOR ALBERTO ANTUNES RESIDÊNCIA
MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE DO ADULTO E DO IDOSO**

LUCIANO DOMINGUES BUENO

**CLÍNICA E PSICOTERAPIA A PARTIR DE VIGOTSKI: UM ENSAIO TEÓRICO-
PRÁTICO**

**MACEIÓ
2020**

LUCIANO DOMINGUES BUENO

CLÍNICA E PSICOTERAPIA A PARTIR DE VIGOTSKI: UM ENSAIO TEÓRICO-
PRÁTICO

Trabalho de Conclusão de Residência realizado como requisito para a conclusão da Residência Multiprofissional em Saúde na área do adulto e idoso da Universidade Federal de Alagoas.

Orientadora: Prof^a. Dra. Alessandra Cansanção de Siqueira

Maceió
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
HOSPITAL UNIVERSITARIO PROF. ALBERTO ANTUNES
RESIDENCIA MULTIPROFISSIONAL

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE APRESENTAÇÃO DO TCC

Aos 13 dias do mês de Fevereiro de 2020, às 14:00h, realizou-se na Sala 237 do HUPAA, da Universidade Federal de Alagoas, a sessão pública da apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso Intitulado Clínica e Psicoterapia a partir de Vigotski: um ensaio Teórico-prático

Apresentado por Luiziano Domingus Bueno.

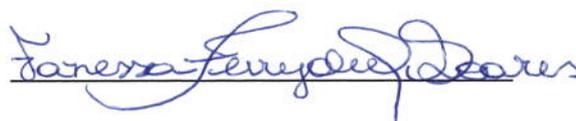
A comissão examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Psicóloga MS. Renanora Consonças de Siqueira, Profª Dra. Adélia Augusta Souto de Oliveira e Psicóloga MS. Vanessa Fery de Oliveira Soares

Em razão do exposto, a comissão conferiu a(o) candidata(o) a nota (10).

Maceió, AL, 13 de Fevereiro de 2020.



1º Examinador



2º Examinador



Presidente

CLÍNICA E PSICOTERAPIA A PARTIR DE VIGOTSKI: UM ENSAIO TEÓRICO-PRÁTICO

Residente/ Luciano Domingues Bueno¹

Orientadora/ Alessandra Cansação de Siqueira²

Resumo: Configura-se como um ensaio teórico-prático articulado com experiências de atuação em Psicologia, ocorridas em um programa de residência multiprofissional. Para tanto, as discussões, na obra de Vigotski, sobre imaginação, criação e arte foram eleitas como referenciais teóricos para reflexão crítica acerca dos processos de formação e atuação que sustentam uma atividade clínica e psicoterápica. Os cenários de prática que foram base para o presente trabalho são as enfermarias de um hospital, que proporcionaram vivências que subsidiam as discussões desenvolvidas. Conclui-se que a Psicologia Sócio-histórica, em especial suas proposições sobre os processos criativos humanos, guardam capacidade teórica para refletir e propor um modelo reflexivo sobre a escuta terapêutica. Em destaque, a partir da criatividade, a potencialidade em inserir a pessoa em uma relação de autoria de novos conteúdos, que guarda capacidade de construção de estratégias de superação de impasses subjetivos.

Palavras-chave: Psicoterapia; Vigotski; Psicologia Sócio-histórica.

“Imaginação é mais importante que conhecimento”

(Albert Einstein)

Neste ensaio, propõe-se reunir referenciais teóricos e metodológicos da obra de Vigotski e seus interlocutores, para reflexão sobre uma prática clínica e psicoterápica articulada com as experiências em um hospital. Assim, buscam-se contribuições que a perspectiva Sócio-histórica possa trazer para compreensão e construção de uma atuação psicológica frente o sofrimento humano, no contexto clínico (individual e coletivo). Para isso, pretende-se revisitar o percurso de formação em Psicologia, com ênfase nos desdobramentos ocorridos dos encontros e reflexões a partir do viés Sócio-histórico. Objetiva-se assim,

¹ Residente de Psicologia no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde do Adulto e do Idoso- HUPAA/UFAL

² Psicóloga do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (HUPAA). Mestre em psicologia pela Universidade Federal de Alagoas e especialista em psicologia hospitalar pelo Instituto Central do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Preceptora da Residência Multiprofissional em Saúde e supervisora de campo do estágio curricular obrigatório em psicologia hospitalar da UFAL.

construir um percurso do emprego das categorias imaginação, criação e arte como recurso analítico da escuta clínica psicológica no contexto hospitalar.

Referencial teórico: um recorte sobre a obra vigotskiana

O presente exercício argumentativo distancia-se de propor uma direção compreensiva que dê conta da complexidade do pensamento de Vigotski em um fazer clínico e psicoterápico. Pelo contrário, busca-se aqui registrar, como em uma postura semelhante de quem fotografa, uma síntese de um percurso dentro da obra vigotskiana, marcado historicamente e a partir de um contexto, de formação e de prática, específicos. Defende-se a compreensão que a construção de conhecimento é algo dinâmico, não estático, e que é possível estabelecer outras interlocuções entre a teoria utilizada com a prática clínica e psicoterápica, ou com outros contextos de atuação distintos.

Neste trabalho, destacam-se o pensamento de Vigotski a respeito da imaginação, criação e arte (VIGOTSKI, 1999a; 1999b; 2009), além de pressupostos que são base de sua perspectiva teórica – decorrentes do materialismo histórico e dialético.

Depois de diferentes abordagens deste mesmo recorte na obra de Vigotski na pesquisa científica (BUENO et al, 2015; 2016; 2017; BUENO, 2017; OLIVEIRA et al, 2017; 2018) avançou-se em uma compreensão que, mesmo que não explicitadas pelo autor, já era possível encontrar “zonas de sentido” (GONZALEZ-REY, 2007a) que mais tarde apareceram trabalhadas por Vigotski na categoria sentido (VIGOTSKI, 1998). Zonas de sentido essas que nos possibilitam, além de uma compreensão mútua da constituição psíquica do indivíduo e da dimensão social, avançar em uma construção de inteligibilidade capaz de sustentar uma atuação clínica e psicoterápica.

O recorte teórico e metodológico das discussões de Vigotski sobre criatividade humana tem em vista a importância dela dentro da obra do autor, inclusive como porta de sua entrada no campo da Psicologia (VIGOTSKI, 1999a). Para Vigotski, “o que diferencia a cultura humana do mundo natural é exatamente a criatividade, que está relacionada com a capacidade de mudança, com a imaginação e com o pensamento” (MOZZER; BORGES, 2008 p.9).

Ao propor a arte como via de conhecimento e de procedimento, Vigotski (1999b) sinaliza a possibilidade de investigação e intervenção psicossocial que tome essa dimensão como base de estudo, algo muito explorado nos campos como da aprendizagem, do desenvolvimento e da educação. Com isso, sugerir os atos de imaginar e criar como condição humana, responsáveis desde produtos mais simples (criações infantis) até os mais complexos

(produção científica) (VIGOTSKI, 2009), chegamos à compreensão da ação criativa como processo pelo qual a pessoa constrói o meio e a si mesmo. Reflexões que nos aproximam do conceito de trabalho em Marx, e sua capacidade em explicar uma natureza humana construída a partir da ação do humano sobre o meio (KONDER, 1981), demonstrando o compromisso de Vigotski com o materialismo histórico e dialético. A partir dessas discussões, alcançamos condições privilegiadas para pensar proposições contemporâneas acerca da subjetividade e sua natureza criadora de conteúdo (GONZALEZ-REY, 2007a) e até mesmo de uma “normalidade” condicionada a essa capacidade inventiva humana de criação de normas possíveis (CANGUILHEM apud SILVA et al, 2010).

Outro ponto importante é a concepção de estética e seus efeitos na leitura vigotskiana da relação entre a obra de arte e o espectador. Para o autor (1999b), a percepção da arte também ocorre de forma criativa. Seguindo o mesmo raciocínio, aqui este modelo estético de relação sujeito-arte é visto como via de compreensão do processo relacional e constitutivo entre a esfera psíquica o meio. Uma linha de inteligibilidade do intercâmbio intrapsíquico-interpsíquico, e o modo como a pessoa apreende o meio, em uma ação criativa.

Assim como levamos conosco nossa história de vida para encontro com a obra artística, propõe-se que o mesmo percurso subjetivo-objetivo-subjetivo se dá ao nos depararmos com, por exemplo, uma placa de trânsito ou qualquer outro elemento externo ao aparelho psíquico. E assim, como acontece no processo criativo, às percepções da obra dependem diretamente do repertório de vivências do espectador (VIGOTSKI, 2009). Nomearemos esse movimento de elaboração de conteúdos psicossociais, a partir do encontro com um produto artístico, ou mesmo com o meio, como um processo de *contextualização psíquica*.

Essas *contextualizações psíquicas* tratam-se de processos de apropriação de conteúdos, conjugados com base no repertório psíquico da pessoa, não somente adequando-os aos referenciais sócio-históricos disponíveis. Também é possível a ampliação do acervo de vivências, que consequentemente atualizará a capacidade de mediação de relações futuras do sujeito com o meio ou consigo mesmo.

Segundo Valsiner, a criação de imagens mentais (imaginação) para mediar a relação com o meio é processo importante para uma estabilização psíquica humana. O autor argumenta:

O ser humano, precisamente porque seu futuro é indeterminado, usa instrumentos psicológicos para criar imagens de estabilidade para o futuro. Na construção psicológica do processo, eles superam a maneira única de cada vivência através da experiência e tentam construir um curso de eventos previsíveis, recorrentes e sabidos. Isto é uma construção psicológica ilusória que é baseada na necessidade da adaptação dentro de um meio ambiente constantemente em

mudança. Isto é uma enorme ilusão necessária para a vida psicológica humana. (VALSINER, 2000 p. 17-18 apud. COSTA; LYRA, 2002).

Com isso, temos pistas para traçar uma argumentação do uso das proposições sobre os processos de imaginação e criação como mediadores em uma escuta clínica, bem como na intervenção psicossocial. Isso porque imaginar e criar, como sugerido na citação anterior, fazem parte de uma condição humana, podendo ser via de acesso a padrões de produção psíquica no exercício clínico.

Nesse exercício de síntese, espera-se que as notas feitas ao longo do encontro com a obra de Vigotski, assim como a contextualização da mesma com a prática, construir, junto com outros referenciais que vão subsidiando a discussão, um percurso argumentativo que possa ser compartilhado. Essas notas são pensadas como um movimento de produção de uma discursividade acerca de uma atuação: sinalizando discussões, reflexões e *hiperlinks*, como quem elege pontos de referência para situar-se dentro de um território. Servem para o próprio autor refazer o trajeto de formação e buscar compreensões críticas de seu fazer profissional, bem como abrir-se a zonas de desenvolvimento proximal (PRESTES, 2010) vindas do encontro com outras possibilidades de entendimento de uma clínica sócio-histórica.

Imaginação, criação, arte e o contar/ouvir histórias.

Parafraseando palavras de Richard Wagner sobre música, mas igualmente aplicáveis a todas as modalidades de arte, podemos dizer: a tragédia (e Hamlet em particular) é a própria ideia do mundo, de sorte **que quem for capaz de traduzir plenamente a tragédia (a música) em conceitos produzirá ao mesmo tempo uma filosofia que explicará o mundo** (VIGOTSKI, 1999a, p.XXXIII, grifo nosso).

Seguindo os argumentos do autor, podemos refletir que se uma filosofia da arte teria capacidade de ser uma via compreensiva sobre o mundo, uma Psicologia construída, a partir dos mesmos critérios, pode servir como via de atuação sobre a condição psicossocial humana. Afirmações com objetivo de propor dimensão criativa humana, como fonte de estudos científicos no campo da Psicologia e atuação profissional em diferentes contextos práticos. Reafirmados no trecho a seguir:

Vai-se tomando consciência cada vez mais clara da ideia segundo a qual a arte só poderá ser objeto de estudo científico quando for considerada uma das funções vitais da sociedade em relação permanente com todos os outros campos da vida social e no seu condicionamento histórico concreto. Dentre as tendências sociológicas da teoria da arte, a que mais avança e apresenta maior coerência é **a teoria do materialismo histórico, que procura construir uma análise científica da arte à base dos mesmos princípios aplicados ao estudo de todas formas e fenômenos da vida social** (VIGOTSKI, 1999b, pg.9, grifo nosso).

Em sua tese, Wedekin (2015) explora, dentre diferentes aspectos da arte, as influências do simbolismo russo no pensamento vigotskiano. Alguns dos participantes deste movimento artístico tinham um entendimento da arte como constituidora da própria vida. Como propõe, a seguir, o autor do simbolismo russo Pomorska (2010, p. 78 apud WEDEKIN, 2015):

Ser um poeta não significava simplesmente praticar uma habilidade ou uma profissão, mas era considerado como um estado de existência. Pois a poesia era tida como o único meio de conhecer a vida em seu mais alto e completo significado e, portanto, era identificada com a própria vida.

Para além disso, Paperno (1994 apud Wedekin, 2015, p. 1, grifo nosso) aponta que:

A relação entre arte e vida aparece como central aos criadores do simbolismo russo, os quais pretendiam fazer desaparecer a antítese arte e vida numa unidade. A arte era proclamada como uma “força capaz e destinada à ‘criação de vida. [...] **A vida era entendida como “um objeto de criação artística ou como um ato criativo”** e, neste sentido “arte convertia-se em ‘vida real’ e ‘vida’ convertia-se em arte, elas se tornavam uma.

Nessa mesma direção, Foucault (1994, p. 617) nos interroga:

O que me surpreende, em nossa sociedade, é que a arte se relacione apenas com objetos e não com indivíduos ou a vida; e que também seja um domínio especializado, um domínio de peritos, que são os artistas. Mas a vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte? Por que uma mesa ou uma casa são objetos de arte, mas nossas vidas não?

Pensando “a arte como concentração de vida” (VIGOTSKI, 1999b), em uma prática clínica/psicoterápica, o que de mais significativo faz o psicólogo do que acolher e sustentar histórias de vida? É preciso estar atento que ao fazer uma escuta destas histórias, considerando as proposições sobre imaginação, criação e arte, que ninguém simplesmente resgata uma história ao contá-la: ele cria uma narrativa, nova e única, independentemente de quantas vezes já foi contada. Isso condiz com a visão dialética, que atrelada ao materialismo histórico sustenta a perspectiva Sócio-histórica, na qual o mundo está em constante movimento (KONDER, 1981).

[...] qualquer atividade humana não representa uma reprodução integral do que aconteceu, mas a criação de formas ou atividades, originadas de uma segunda classe de criatividade ou comportamento combinatório. Por outras palavras, o cérebro não é um órgão que só mantém e reproduz nossas experiências anteriores, mas que cria e combina elementos numa nova situação e comportamento (MOZZER; BORGES, 2008 p. 9).

Ou seja, uma história contada está no mesmo patamar de uma composição musical ou uma pintura: palavras, entonações e cores foram escolhidas para compor aquilo que é ofertado ao outro. Apresenta-se aqui seu **potencial expressivo**, no qual ao construir o novo, cria-se não

somente para o outro, mas também para si próprio, novas bases materiais de recursos subjetivos - a serem experimentados e reutilizados posteriormente - ampliando seu repertório.

Ao criar aquilo que não está dado, é viabilizado que este novo elemento fique disponível para ser acessado e utilizado como base de enfrentamento futuro de condições que necessitem de materialidade semelhante para processos de mediação entre sujeitos e outros impasses. Quase que como a criação de um novo instrumental ou como ao misturar cores em uma paleta acabamos deixando sobre ela as cores obtidas, que podem ser reutilizadas em outro quadro ou servirem de base para novas misturas.

Estudos das neurociências sobre reconsolidação de memória apontam para esses aspectos ligados a contínua modificação dos conteúdos registrados no psiquismo humano e a capacidade de reconstrução dos mesmos ao passo que são revisitados e compartilhados (FIORENZA et.al, 2018). O que nos ajuda a refletir sobre o processo psicoterápico e sua capacidade de buscar reformulações de conteúdos relacionados a fontes de sofrimento psíquico. Esses mesmos estudos sobre a capacidade de reconfiguração da memória, nas neurociências (FIORENZA et. al, 2018) ou em sua articulação com outros campos de conhecimento psicológico, como a Psicanálise (GERBASI; COSTA, 2015), apontam para uma nova compreensão, distanciando-se do entendimento do acesso a uma memória consolidada como sendo apenas uma processo de leitura de conteúdos armazenados. Conseqüentemente, nos aproxima da proposição de que o ato de possibilitar a escuta de uma história de vida é viabilizar que a mesma possa ser reconstruída.

Pensar que visitar as memórias torna possível inclusive à modificação neurológica, através da criação de novas conexões sinápticas (GERBASI; COSTA, 2015) substancia uma das principais características do pensamento de Vigotski se comparado com outros autores sobre o psiquismo humano: a compreensão relação entre aprendizagem e desenvolvimento. Segundo o autor “[...] a aprendizagem pode ir não só atrás do desenvolvimento, não só passo a passo com ele, mas pode superá-lo, projetando-o para frente e suscitando nele novas formações” (VIGOTSKI, 2000, p. 303). Isso, em um contexto clínico, embasa o entendimento de que novas vivências, memórias e construções podem superar estruturas de desenvolvimento já segmentadas.

Esse processo de *reconstrução sócio-histórica* já foi abordado em trabalho anterior (BUENO; ROCHA; OLIVEIRA, 2018), no contexto hospitalar, no qual concluímos que se trata de um movimento de produção de novas memórias que antagonizam com conteúdos psicossociais anteriores e que podem convocar a construção de novas sínteses. Ou seja, indiciam a capacidade de uma reconstrução sócio-histórica e ressignificação de configurações psíquicas de mediante a construção de novas vivências, experiências e memórias.

Vigotski (2009) propõe que a criação surge sempre para dar conta de um impasse, que ele não explicita qual seria, mas que nos convida a pensar que através do exercício criativo individual funda-se um marco histórico, material e dialético da superação de uma problemática: a falta de uma materialidade anterior a criação, que dê conta de demonstrar uma experiência subjetiva e que se cristaliza na obra produzida (seja um objeto ou um pensamento).

“A arte é o social em nós”, afirma Vigotski (1999b) e abre a possibilidade de refletirmos a busca por esse processo (artístico) social em nós, suas formações e internalizações. Formações psicossociais que podem, inclusive, estar relacionadas a padrões de sofrimento e que em condições criativas de recomposição podem ser abordadas e reformuladas. Para isso, Vigotski (1999b, p.303) propõe “examinar o papel e o significado da arte no sistema geral do comportamento humano”, o que nos aponta para o potencial enxergado pelo autor no processo criativo e seus produtos como fontes de compreensão da condição humana. Materializa então um possível marco teórico/metodológico para pensarmos, da imaginação e criação, o fazer clínico/psicoterápico com base na perspectiva sócio-histórica: seus potenciais investigativos e interventivos.

O **potencial investigativo/clínico** da proposta a partir da compreensão da escuta como um processo criativo é o acesso a “padrões de composição” de uma pessoa e seus condicionantes históricos (VIGOTSKI, 2009; WEDEKIN, 2015), que possibilitam acesso às suas *configurações subjetivas* (GONZALEZ-REY, 2007a).

Uma composição subjetiva, assim como uma obra de arte, nos possibilita ter acesso ao “estilo criativo” de seu autor: as “cores” (recursos, estilos e modos de execução) que faz uso para “pintar/narrar” seus “quadros/enredos”. A questão da dependência da obra dos recursos materiais disponíveis historicamente para o criador (VIGOTSKI, 2009), nos convida a pensar que uma composição traz consigo uma historicidade psicossocial (determinações), que objetiva não só uma atividade subjetiva de criação e reconstrução dos recursos disponíveis, mas consequentemente – a partir dos recursos materiais – marcos históricos de uma determinada época ou região (WEDEKIN, 2015). O que também nos afasta de uma compreensão clínica que seja apartada de uma Psicologia que é, antes de tudo, social.

O **potencial interventivo** da proposta está associado à possibilidade de, ao ofertar escuta dessas composições psicossociais, criar condições para que os sujeitos envolvidos possam administrar, em suas construções narrativas, as “cores” (recursos históricos, cognitivos e emocionais) que lhe são disponíveis para compor perspectiva única sobre seus processos sócio-históricos, que são também fenômenos psíquicos (VIGOTSKI, 1998; 1984).

Pensando a partir destes termos - compreensão da dimensão criativa e sua função psíquica de atualização das construções objetivas e subjetivas - o processo psicoterápico deve prover condições desse processo dialético da subjetividade de renovar-se. Um movimento de produção de possibilidades compreensivas pelas pessoas que funcionem como antítese do que está dado, seja nas dimensões objetivas ou subjetivas de sua vida. A partir do choque entre teses subjetivas atuais (que já estão estabelecidas e podem ser a fonte do sofrimento psíquico) com as antíteses (decorrentes do processo psicoterápico) podem surgir sínteses subjetivas que ampliem o repertório psicossocial e até mesmo alterem a logística psíquica vigente (VIGOTSKI, 2000; FIORENZA et. al, 2018).

O movimento tese/antítese/síntese, presente como estrutura do pensamento dialético (KONDER, 1981) nos ajuda a pensar uma lógica de contínuas atualizações do psiquismo humano e como encontro terapêutico pode implicar-se em tal processo, no intuito de que a pessoa se aproprie dessa dimensão constitutiva. Como uma forma de apropriar-se de modos de produção de si.

Com uma compreensão dialética, na qual os contrários e contradições propiciam o movimento contínuo, é possível inclusive pensar que nessa dinâmica surjam configurações que introduzem a pessoa em uma lógica de sofrimento psíquico. Aspecto que se agravaria caso não existam condições de que a pessoas antagonize com tal produção relacionada ao sofrimento ao ponto de superá-la. Nesse sentido, o adoecimento teria a característica de aprisionar a potencialidade dialética e inventiva humana de reorganizar significados e sentidos que surgem na interação da pessoa com a realidade ao ponto de romper circuito de sofrimento.

A capacidade de reinvenção humana sendo uma característica atrelada a certa condição de “normalidade” e o patológico pensado como o comprometimento dessa capacidade inventiva, como proposto por Canguilhem (apud COELHO; ALMEIDA FILHO, 1999), nos convoca a refletir sobre uma atuação interventiva que promova a construção de possibilidades de criatividade psíquica.

Para Winnicott, “[...] toda expressão da vida humana, em relação à realidade externa, é criatividade” (apud MOZZER; BORGES, 2008). Contudo, se para Winnicot trata-se da realização de um aspecto ligado a pulsão sexual, em uma perspectiva Sócio-histórica podemos pensar pela via dos processos de internalização dos conteúdos externos e a construção de significados e sentidos que deem conta de apreender aquilo que é perceptível ao psiquismo. Os produtos dessa interação, segundo Vigotski (1999b), nunca ocorrem de forma passiva e são sempre um exercício de criatividade.

Com isso, as categorias imaginação e criação ganham a capacidade de mediar a compreensão da interação constitutiva entre o indivíduo e o meio, convidando-nos a refletir sobre as dimensões do sujeito e da subjetividade a partir de tais critérios. Sendo assim, defende-se que as construções humanas acerca das percepções de uma dimensão individual (intrapésíquica), bem como de uma realidade “externa” (interpésíquica), compartilhada, podem ser compreendidas a partir dos processos psicossociais relacionados à criatividade.

Em nossa proposição, esse encontro entre a esfera individual e a compartilhada se dá de forma criativa, pois sempre extrapola uma relação de natureza imediata, uma vez que a pessoa traz consigo sua história de vida, que é singular e que vai servir para que a mesma contextualize a atual experiência subjetiva. Assim, construímos uma concepção de sujeito que se institui na relação com o meio, criando conexões com sua singular historicidade.

Em seu livro *Homo Ludens* (1999) o historiador Johan Huizinga propõe a categoria analítica *Ludens* (a ludicidade) para refletir a condição humana, afastando-se de compreensões do humano restritas a categorias como *Sapiens e Faber*. Pretendemos com o presente estudo acrescentar outro passo na direção apontada por Huizinga. Para isso, elege-se aqui uma dimensão humana que, segundo Vigotski (2009), é basilar tanto a esfera da ludicidade (*ludens*) quanto do pensamento (*sapiens*) e do fazer (*faber*) humano: a da criatividade.

Construções entre a perspectiva Sócio-histórica e a *práxis* no hospital

Ingressar no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde do Adulto e do Idoso é um marco de duas viradas significativas na presente formação: 1) como o primeiro cenário de prática após a graduação, repleto de desafios e novos aprendizados; 2) a mudança de uma atuação, até então direcionada para o público infanto-juvenil (pesquisa, extensão e estágio), para um trabalho com as pessoas adultas e idosas. Mas ainda no ambiente hospitalar.

Aos profissionais que durante a formação estiveram próximos de um fazer acadêmico alinhado a vieses teóricos críticos, que muito contribuem a reflexão sobre campos de atuação e produção de conhecimento, deve ser comum o questionamento de como conciliar os referenciais adquiridos durante este processo com os diferentes campos profissionais. Principalmente como repensar os espaços convencionais, como a psicoterapia, a partir de prismas explorados no percurso acadêmico.

Defende-se aqui que não há cisão entre os pressupostos epistemológicos e os campos de atuação, porém, tal aproximação, muitas vezes, não está explícita, e demanda um movimento cotidiano de construção de pontes reflexivas. Um exercício de repensar os

referenciais teóricos e metodológicos a partir daquilo com o que a prática nos convoca a interagir. Movimento oposto ao de buscar, nos referenciais bibliográficos, fórmulas prontas a serem aplicadas nos contextos de trabalho - que configuram um instrumentalismo ateórico (GONZALEZ-REY, 2007a).

Frente a este impasse, é comum encontrar profissionais que trocam referências teóricas empregadas ao longo da formação, por referências que já têm um diálogo mais próximo com as demandas encontradas no exercício da profissão. Desse modo, perde-se todo um potencial de atualização, tanto do cenário prático, quanto dos referenciais teóricos e metodológicos ao tentarem sustentar estas “novas” realidades.

Ao invés de estarmos abertos a uma inventividade profissional, capaz de sustentar a subjetividade de ambos pólos envolvidos no processo psicoterápico - convocando a uma atualização do campo - acaba-se optando por modelos consolidados, muitas vezes produzidos em outros contextos históricos e culturais, nem sempre atentos às especificidades locais (BOCK, 2007). Assim, ignora-se a necessidade de uma reinvenção reflexiva e prática do fazer clínico/psicoterápico, já enfatizado por diferentes autores (FREUD, 1996; JUNG, 1985; GONZALEZ-REY, 2007a).

Não se trata de um movimento de negação das propostas teóricas que construíram o cenário clínico/psicoterápico, mas sim a busca pelo rompimento com a replicação instrumentalista de determinados direcionamentos. Também se pretende convidar a produção de novas tensões reflexivas que possam contribuir, se não para avanços, ao menos para uma visão complexa e agregadora de outros referenciais teóricos e metodológicos.

Com essas questões em mente, a presente reflexão propõe que esse exercício também faz parte de um posicionamento ético e político frente aos pressupostos de cunho crítico, enxergando seu potencial para além da prática reflexiva/acadêmica sobre a atuação profissional: propondo que os referenciais de característica crítica podem inclusive construir *práxis* implicadas com as diferentes realidades de atuação. Enxerga-se aqui inclusive outra via de atualização do conhecimento sócio-histórico presente na dimensão acadêmica, que pode ampliá-lo ao convocá-lo para dar conta das demandas advindas do sofrimento humano em espaços convencionais de atuação da Psicologia.

Com isso, o hospital, em grande parte a partir das experiências nas enfermarias, foi o cenário de articulação entre a teoria Sócio-histórica e prática, como via de superação de impasses presentes nesse contexto, que apesar de direcionado à saúde também produz sofrimento (BUENO; ROCHA; OLIVEIRA, 2017).

A construção de uma posição clínica do estar junto: para uma atuação além da pautada por demandas terceirizadas

No hospital foi perceptível que a entrada da Psicologia nesses espaços se deu de forma que os(as) profissionais foram historicamente colocados(as) na posição de viabilizadores do trabalho daqueles que apreendem a subjetividade como entrave em suas prescrições. Ponto que parece materializado na queixa comum entre os profissionais da Psicologia sobre a posição conhecida como a de “apagadores de fogo”. Entretanto, cabe um exercício crítico de pensar sobre uma possível “zona de conforto” construída nas compreensões de que estes problemas seriam de competência da Psicologia, sem construir proposições que superem as expectativas de que sejam “apagadores de fogo”.

Uma ideia muito difundida na Psicologia é a de que em espaços como o hospital faz-se algo distinto da prática desenvolvida nos consultórios, ao nível de compreender como clínica e psicoterapia somente aquilo que está restrito aos modelos clássicos (GONZALEZ-REY, 2007a). Isso porque a tensão dos diferentes pressupostos da Psicologia com os distintos cenários de atuação que foram surgindo, junto com a crença que este fazer psicológico emergente em novos contextos seria algo oposto ao feito *setting* tradicional. Chegando-se ao ponto de que o fazer clínico em psicologia transformou-se em sinônimo da prática desenvolvida nos consultórios.

Em diferentes perspectivas teóricas têm sido produzidas discussões que são produtivas nesse sentido, que propõem que “vastas confusões” foram feitas ao negar a capacidade dos referenciais *psi* sustentarem outros contextos de atuação (FIGUEIREDO, 2000; BOCK, 2007). Enfatiza-se que não é uma proposta de encaixe destes outros cenários as configurações anteriores de prática, mas sim a ampliação da compreensão daquilo que já era feito nos consultórios. Pensar que uma terapêutica de ordem psíquica refere-se mais a um momento de encontro, no qual serão produzidos conteúdos intersubjetivos (explorando padrões criativos) que viabilizem reconfigurações intrasubjetivas (GONZALEZ-REY, 2007a), ou zonas de desenvolvimento psicossocial.

Foi durante o exercício de escuta desenvolvido em enfermarias (desde a de extensão, passando pelo de estágio e durante a residência hospitalar), que um outro fazer, que estava além das prescrições e demandas vindas de outras áreas, foi se mostrando mais comprometido com a subjetividade. Este fazer foi a construção de uma rotina de atenção e cuidado, respeitando o tempo do outro em fazer uso da relação para produzir estratégias de enfrentamento das demandas que surgiam.

Uma rotina de visitas-encontros pode funcionar como ferramenta de produção dessa relação com potencial de ser apropriada por pacientes (individualmente ou em grupo) como via de promoção conjunta de condições de superação de impasses. Assim, constroem-se zonas de desenvolvimento proximal/ iminente (PRESTES, 2010), tanto na pessoa assistida quanto no(a) profissional, que pode, no encontro com o assistido, alcançar suas próprias ZDP's, ampliando sua capacidade de acolhimento do sofrimento humano. Neste ponto, é criada uma zona de trocas mútuas de potencialidade de desenvolvimento.

Pode-se usar como *zona de sentido*³ (GONZALEZ-REY, 2007a) o conceito winnicottiano de *Holding*, pensando ele como a oferta de tempo ao outro como um espaço de potenciais mudanças terapêuticas (MEDEIROS; AIELLO-VAISBERG, 2014). Com isso, afasta-se de um encontro norteado por coordenadas terceirizadas, para estabelecimento de uma atmosfera que viabilize apropriações criativas do espaço de escuta ofertado.

Jung (1985) ao fazer uma retrospectiva histórica de diferentes compreensões acerca da mudança ocorrida durante o processo psicoterápico elenca quatro diferentes dimensões de intervenção produzidas até então pelo conhecimento psicológico: 1) catarse, 2) interpretação, 3) educação social e 4) a troca mútua (que pode ser lida como uma esfera dialógica).

1- A **mudança decorrente da catarse**, que na leitura junguiana e psicanalítica tem relação primordial com aspectos do inconsciente, seriam as atualizações psíquicas ocasionadas no contato com conteúdos significativos. Elemento que já vinha sendo posto como via de extravasamento de tensões desde filósofos antigos, como Aristóteles, contudo, Vigotski tem uma leitura singular do processo catártico e que também pode nos ajudar a pensar tal dimensão no contexto psicoterápico (VIGOTSKI, 1999b; WEDEKIN, 2015). No entanto, até a própria leitura de uma dimensão inconsciente e sua articulação com o processo catártico pode ser refletido a partir de uma matriz vigostiskiana (SANTOS; LEÃO, 2014; SANTOS, 2015). Contudo, segundo Jung, há aqueles que a catarse não produz a autonomia e não basta como alternativa psicoterápica.

2- Creditada por Jung a Freud, a segunda dimensão de produção de mudanças terapêuticas da psique trata-se **a interpretação dos conteúdos significativos** subjetivamente e teriam efeito sobre aqueles nos quais o simples encontro catártico não produziria o efeito emancipador necessário. Em uma proposta sócio-histórica, podemos pensar tal cenário a partir de processos de mediação de conteúdos e a produção de ZDPs.

3- Contudo, para Jung, nem a mais eficiente interpretação assegurava a mudança terapêutica, fazendo-se necessário um posicionamento mais diretivo e pedagógico, que Jung

³ Gonzalez-Rey (2007a) nomeia como zonas de sentido pontos de inteligibilidade de determinado fenômeno que podem estar presentes em outras matrizes de pensamento.

sinaliza como presente na proposta de uma Psicologia Individual de Adler, que nomeia como uma *educação social*, às vezes imprescindível.

4- A quarta dimensão de modificação da psique teria relação uma capacidade de atualização mútua no encontro com o outro, novamente com uma leitura a partir da narrativa do inconsciente, para Jung. No entanto, pode ser pensada a partir da leitura sócio-histórica como uma abertura criativa de trocas, que nos ajuda na reflexão sobre um fazer terapêutico menos diretivo, comprometido mais com o sustento da relação, produção de vínculos e a promoção do protagonismo do assistido.

Esta dimensão interventiva do encontro possibilita a superação de um modelo centrado no psicopatológico, de cunho diretivo. Uma ação mais aberta a estar integralmente na relação com a pessoa, para que possa disponibilizar que o mesmo aproprie-se do espaço e tempo ofertados. Assim, o profissional agiria de forma não colonizadora, para que o sujeito possa estabelecer-se como protagonista do espaço relacional de trocas.

Jung (1985) esclarece que as quatro instâncias de atuação devem ser entendidas como complementares, que uma não invalida a outra e sim complexifica a compreensão das vias de atualização. Apesar da ênfase aqui dada a uma proposta das atualizações psíquicas a partir do encontro não direcionado por prescrições *a priori*, entende-se, assim como Jung, que diferentes modos de intervenção (mais ou menos diretivos) podem alcançar efeitos psicoterápicos, bem como serem necessários em distintas condições clínicas.

Durante a residência multiprofissional, e em um movimento de buscar uma compreensão ampliada do conceito de intervenção psicológica a interlocução com o campo das políticas públicas em saúde, em especial com a Política Nacional de Humanização (PNH) e os conceitos de Clínica Ampliada e Integralidade no SUS (BRASIL, 2013), mostraram-se como pontos de articulação na busca de uma atuação implicada com as especificidades do campo da saúde. Potencial ampliado pela característica transprofissional da PNH, que possibilita a produção de diálogos que ultrapassem o campo da Psicologia e de um fazer restrito aos consultórios e ambulatórios.

Historicamente, a psicoterapia tem sido associada ao trabalho clínico em consultório, o que nos remete tanto à origem médica dos pioneiros de sua institucionalização, como à subjetividade social dominante no mundo de consumo – expressão de um capitalismo mundial cada vez mais agressivo. Entretanto, a psicoterapia é uma prática importante nas mais diversas formas de ação profissional orientadas à mudança do outro (GONZALEZ-REY; GOULART; BEZERRA, 2016, p.57).

Resquícios dessa clínica construída a partir dos moldes da prática médica, com base em modelos nosológicos de diagnósticos e terapêuticas correspondentes, ao longo da vivência hospitalar, demonstrou não ser um modelo a ser superado somente pela Psicologia, mas sim

pelas demais profissões de saúde. Aquilo que entendemos por demanda condiciona diretamente nosso raio de atuação e pode criar aquilo que nomeamos como “zona de conforto” com base nas prescrições que tem como referência uma perspectiva biomédica e curativa.

A psicoterapia objetiva, em caminho inverso, que o indivíduo se torne sujeito de sua experiência e seja capaz de gerar processos de “desenvolvimento humano” (GONZALEZ-REY; GOULART; BEZERRA, 2016, p.57). Com isso, uma rotina que possa ser construída para além das prescrições biomédicas, sem ignorá-las, visa fomentar o protagonismo dos assistidos, de maneira que possam atuar de maneira criativa em seu processo de desenvolvimento subjetivo. Ou seja, aquilo que os profissionais entendem como “apagar fogo” está ligado aos chamados vindos de diferentes instâncias institucionais para o desempenho de uma atuação pontual, fragmentada e “paliativa”, que parece por sua vez demonstrar a necessidade de um posicionamento do profissional de psicologia (bem como demais áreas) que proponha a construção de modos alternativos de atuação.

Não se trata de negar demandas pontuais, mas sim que elas sejam utilizadas como porta para práticas ampliadas, que não recaiam sobre os sujeitos das queixas de forma a situá-los como ponto a ser trabalhado, mas, pelo contrário, que o processo institucional também possa ser repensado a partir desses chamados.

Tarja branca: ludicidade e outras possíveis “medicações”/ medica ações/ mediações

O termo “Tarja branca” é referência a um documentário de mesmo nome (RHODEN, 2014) que discute como a criatividade, imaginação e a ludicidade são potenciais dimensões de conexão subjetiva das pessoas com a coletividade, em processos de reconciliação do humano com o cultural e que chega a alcançar uma finalidade terapêutica.

Em atendimento individual, um jovem senhor usou a dimensão criativa ao comparar as visitas que outros usuários recebiam com doses de remédio que as pessoas tinham e que aquilo amenizava o processo de adoecimento. Queixa-se das rupturas que o processo de hospitalização havia causado e a falta de visita de conhecidos.

Após atendimento, a comparação que o paciente fez das visitas com medicamentos soou como um convite para pensarmos quais outros medicamentos poderiam ser construídos conjuntamente com usuárias e usuários, a fim de aprimorar a assistência. E tendo conseguido elaborar suas questões dessa forma, pareceu ter dado ao paciente a possibilidade de simbolizar seu sofrimento e compartilhá-lo socialmente: conseguiu, assim, libertar-se de uma configuração subjetiva de sintoma que produz afastamento do social, para dar uma

“roupagem” ao sofrimento que possibilita articulação com as outras pessoas e inclusive a equipe de assistência.

Em visita multiprofissional seguinte, ainda afetado por essa construção, o paciente trouxe a questão para o grupo e compartilhou como em momentos de dificuldade no internamento anterior, foi a atenção (o pegar na mão e olhar nos olhos) de alguns membros da equipe que funcionaram como esse remédio que o ajudou a superar as adversidades. Relatou que a visita multiprofissional era um desses espaços, nos quais se sentia ouvido e importante.

Aproveitando a abertura proporcionada pelo sujeito, foi colocado para ele uma questão que havia ficado do atendimento anterior: quais outros desses remédios poderíamos construir com ele? Foi pontuado que sua acompanhante sempre estava com um livro de palavras-cruzadas e que aquilo deveria ser um possível remédio pra ela, faltando assim descobrirmos qual seria a medicação alternativa dele. A primeira coisa que surgiu foi que gostava de jogar dominó e baralho nas horas livres, ficando, assim, acordado que no horário seguinte seria conseguido um jogo e que faria parte de seu tratamento.

Na tarde seguinte, em atendimento individual, foram jogadas algumas partidas de baralho na enfermaria, enquanto assuntos iam surgindo e sendo abordados de forma descontraída. Pela primeira vez conseguiu falar impasses subjetivos de maneira mais elaborada. Conforme ganhou algumas partidas, pareceu recobrar o humor dos primeiros encontros. Foi trabalhado que, às vezes, temos de ir de encontro aos medicamentos que nos são necessários, mesmo eles não estando completamente prontos. As pessoas não vinham visitá-lo, mas ele também não solicitava que viessem- acreditava que deveria ser algo que partisse das pessoas de forma espontânea.

No dia posterior, recebeu a “medicação” que tanto aguardava: foi visitado por familiares, o que pareceu injetar outra dose de ânimo no paciente. Na mesma tarde realizou novo procedimento e recebeu alta no dia seguinte.

Ao nomear o sofrimento causado pela ruptura dos laços sociais, como algo a ser medicado e que o remédio seria a visita de conhecidos, o paciente trouxe na categoria “remédio” uma construção de significado compartilhável com a equipe. Construção subjetiva essa impregnada de sentidos, que ao serem socializados possibilitaram que aquilo que não cabe nos prontuários pudesse ser acolhido na rotina de assistência e se tornasse parte do processo de cuidado.

Semanas depois, em enfermaria masculina vizinha, depois da realização de um bingo para sortear brindes em comemoração de uma data, um paciente que estava fazendo uso de opióides por conta de uma cirurgia extensa diz ao final da atividade: “A gente até esquece da

dor”. Salientando o potencial da esfera lúdica como estratégia de construção de uma assistência aberta a criatividade humana e capaz de produzir redução do sofrimento humano.

Considerações finais: a função social da arte e da palavra

As discussões a respeito dos processos de imaginação, criação e seus produtos como via de reflexão acerca de uma perspectiva clínica e psicoterápica tem grande potencial quando articulados com as proposições vigotskianas sobre a importância da linguagem e da palavra. Nesse sentido, o processo psicoterápico, a partir da ótica aqui proposta, é sugerido como meio pelo qual a potencialidade inventiva humana é convocada a criar elementos subjetivos novos, capazes de conduzir mediações com conteúdos relacionados ao sofrimento psíquico.

Para Vigotski, a palavra é unidade de análise psíquica privilegiada por ser via pela qual o pensamento se realiza (2000), sendo, em uma perspectiva materialista histórica e dialética (marxista), um produto/mercadoria do exercício/trabalho humano. Ou seja, a palavra, além de matéria prima do psiquismo, em uma leitura de uma formação social da mente (VIGOTSKI, 1984), torna-se produto do aparelho psíquico.

Como resultado de processo psicossocial a palavra pode ser pensada a partir das proposições acerca da criatividade e construções artísticas das seguintes formas: 1) como um produto condicionado as configurações sócio-históricas vivenciadas por seu autor (VIGOTSKI, 2009); 2) como composição de um processo de expressão subjetiva capaz de superação de impasses (VIGOTSKI, 2009); 3) e com capacidade de alcançar aquilo que Vigotski nomeia como “função social da arte” (VIGOTSKI, 1999b) e que aqui estendemos para os demais produtos da imaginação e criação humana, como a elaboração da fala.

Com essas pontes reflexivas, organizadas nesse texto, pretende-se propor a compreensão da palavra e a fala como via de acesso a potencialidade criativa humana, aqui defendida como dimensão privilegiada para uma atuação clínica em Psicologia.

A função social da arte (VIGOTSKI, 1999b) seria a capacidade de a mesma produzir experiências estéticas, efeitos e transformações naquele que se depara com a obra. Ou seja, os *sentidos subjetivos* (GONZALEZ-REY, 2007a) decorrentes do efeito estético. E aqui, a palavra é sugerida como possibilidade de acesso a tal dimensão e funcionalidade social.

E como esse movimento reflexivo pode ser pensado no contexto clínico e psicoterápico? Propomos, em termos vigotskianos, que uma vez que a palavra (e estruturação narrativa) é proferida torna-se produto psicossocial de um processo criativo, que “descola-se de seu autor” (VIGOTSKI, 1999a), deixando de ser um elemento intrapsíquico e tornar-se

interspíquico, carregando a potencialidade de alcançar sua função social de produção de efeitos estéticos/subjetivos, mediante a criação de novas experiências e sentidos.

Então, o que defendemos até aqui é que a palavra no exercício clínico e psicoterápico, guiado por uma perspectiva sócio-histórica, tem que alcançar e ser entendida na qualidade de produto e produtora de experiência – consequentemente de mudanças subjetivas, mediante a inventividade humana. A qualidade de experiência, capaz de produzir efeitos subjetivos, aprendizado e desenvolvimento é semelhante às compreensões de Vigotski sobre o brincar – como caminho de acesso a uma condição criativa humana estruturante do psiquismo.

Como o poeta Manoel de Barros diria, “para ser séria, a palavra deve chegar ao nível de brinquedo”, como quando o paciente compara às visitas aos remédios. Ele coloca as palavras e seus sofrimentos na dimensão lúdica, onde pôde exprimir suas afetações e impasses subjetivos. Assim como o Gilberto Gil, ao cantar sua canção “4 pedacinhos”, compartilha suas percepções acerca do processo de biópsia. Trazem-nos, esses exemplos, a questão sobre as possibilidades que nossos fazeres na assistência em saúde dão às pessoas de brincarem, cantarem, desenharem e escreverem seu sofrimento, de forma que criativamente sejam protagonistas/autores de seus processos de recuperação.

Nesses termos, o encontro psicoterápico deve ocorrer e ser compreendido, na presente perspectiva, em termos semelhantes ao que ocorre na dimensão das Zonas de Desenvolvimento Proximal/Iminente (PRESTES, 2010). Onde conteúdos são produzidos a partir da interação, não como em um processo de transmissão, mas sim na realização de potencialidades da própria pessoa, que se apropria desse espaço de troca de forma criativa.

Por fim, com o exercício de finalizar o presente trabalho, e ao mesmo tempo proporcionar aberturas e continuidades, assim como prestar homenagem às férteis terras alagoanas que foram berço das reflexões aqui propostas, gostaria de deixar dois fragmentos acerca da imaginação humana. São frases de Nise da Silveira, brilhante alagoana que se dedicou ao estudo e utilização da imaginação e criatividade humana como via terapêutica.

“A criatividade é o catalisador por excelência das aproximações de opostos. Por seu intermédio, sensações, emoções, pensamentos, são levados a reconhecerem-se entre si, a associarem-se, e mesmo tumultos internos adquirem forma”.

“Todo mundo deve inventar alguma coisa, a criatividade reúne em si várias funções psicológicas importantes para a reestruturação da psique. O que cura, fundamentalmente, é o estímulo à criatividade.”

(Nise da Silveira. *online*)

REFERÊNCIAS

BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez. 2007.

BUENO, L.D.; ROCHA, M. L. B.; OLIVEIRA, A. A. S. *Brinquedoteca e Reconstrução Sócio-Histórica de Espaços Potencializadores nos Hospitais: Um Relato de Experiência*. Gep News. v.2, n.2. Maceió, 2018. Disponível em:

<www.seer.ufal.br/index.php/gepnews/article/view/5258>. Acesso em 22 de setembro de 2018.

BUENO, L. D.; SANTOS JÚNIOR, P. S.; CANUTO, L. T.; OLIVEIRA, A. A. S. *Iconografia na investigação e intervenção de processos psicossociais*. Revista de Psicologia da UFC, 8, p. 99-108. 2017. Acessado em 27 de junho de 2017, de

<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/18783>

BUENO, L. D.; OLIVEIRA, A. A. S. ; ROCHA, M. L. B. . *Os conceitos psicológicos de criação e imaginação na análise descritivo-explicativa iconográfica*. 2017. (Relatório de pesquisa).

BUENO, L. D.; OLIVEIRA, A. A. S. ; ROCHA, M. L. B. . *Produção e análise psicossocial de inventário de imagens (desenhos, fotografias e vídeos): criação e imaginação de crianças e jovens em comunidades litorâneas*. 2016. (relatório de pesquisa).

BUENO, L. D.; OLIVEIRA, A. A. S. ; SANTOS JUNIOR, P. S. . *Inventário de fotos e vídeos: desenvolvimento de método e análise psicossocial dos conceitos de criação e imaginação de crianças e jovens em comunidades litorâneas*. 2015. (Relatório de pesquisa).

COELHO, M. T. Á. D.; ALMEIDA FILHO, N. de. *Normal-patológico, saúde-doença: revisitando Canguilhem*. Physis, Rio de Janeiro , v. 9, n. 1, p. 13-36, June 1999 .

Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73311999000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 15 Sept. 2018.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73311999000100002>.

COSTA, E. V.; LYRA, M. C.D.P. *Como a mente se torna social para Barbara Rogoff? A questão da centralidade do sujeito*. Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre , v. 15, n. 3, p. 637-647, 2002 . Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722002000300017&lng=en&nrm=iso>. access on 23 Dec. 2018.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722002000300017>.

DELARI JUNIOR, A. *Sentidos do “drama” na perspectiva de Vigotski: um diálogo no limiar entre arte e psicologia*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 16, n. 2, p. 181-197, 2011 .

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

73722011000200002&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 16 setembro de 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722011000200002>

FIGUEIREDO, A. C. *Vastas confusões e atendimentos imperfeitos: a clínica psicanalítica no ambulatório público*. Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 2000.

FIORINZA, N. G. et al. *Treatment of fear memories: interactions between extinction and reconsolidation*. An. Acad. Bras. Ciênc., Rio de Janeiro, v. 83, n. 4, p. 1363-1372, Dec. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0001-37652011000400023&lng=en&nrm=iso>. access on 15 Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0001-37652011000400023>.

FOUCAULT, M. “À propos de la généalogie de l’éthique: un aperçu du travail en cours” (entrevista com H. Dreyfus e P. Rabinow, segunda versão) in *Dits et écrits (1980-1988)*, IV, Paris: Gallimard, 1994, 609-631.

FREUD, S. Sobre o início do tratamento. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 29 (54): 153-170, set. 1996.

GERBASI, G. L. B. S.; COSTA, P. J. As transformações da memória: articulações entre Sigmund Freud e Eric Kandel (As transformações da Memória). *Avances en Psicología Latinoamericana*, 33(1), 77-89. 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.12804/apl33.01.2015.06>.

GONZALEZ REY, F. *Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade. Uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo, SP: Thomson. 2007a.

subjetividade: Para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. *Revista Educação (PUCRS. Online)*, 39(supl.), 54-65. Porto Alegre, 2016.

JUNG, C.G. *A prática da psicoterapia*. Rio de Janeiro. Vozes. 1985.

HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo. Perspectiva. 1999.

KHAN, A. *Como estrelas na terra -Taare Zameen Par*. (Filme). Irlanda, 2007.

KONDER, L. *O que é dialética*. 25ª edição. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.

MEDEIROS, C.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. *Reflexões sobre holding e sustentação como gestos psicoterapêuticos*. *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 49-62, dez. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessado em: 22 set. de 2018.

MOZZER, N. S; BORGES, F. T. A criatividade infantil na perspectiva de Lev Vigotski. *Revista Inter Ação*, [S.l.], v. 33, n. 2, p. 297-316, dez. 2008. ISSN 1981-8416. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/5269>>. Acesso em: 29 dez. 2018. doi:<https://doi.org/10.5216/ia.v33i2.5269>.

OLIVEIRA, A. A. S.. *Psicologia sócio-histórica e o contexto de desigualdade psicossocial: teoria, método e pesquisas*. 1. ed. Maceió: EDUFAL, 2017. v. 200. 334p.

OLIVEIRA, A. A. S.; MIURA, P. O. ; CANUTO, L. T.; SANTOS JUNIOR, P. S.; BUENO, L. D.; ROCHA, M. L. B. . *Iconography in psychosocial research with children : creation and imagination in childhood*. In: Guillermo Arias Beatón; Laura Marisa C. Calejon; Maria Febles Elejalde. (Org.). *Enfoque histórico-cultural: Problemas de las prácticas profesionales*. 1ed.São Paulo: Terracota, 2017, v. 2, p. 83-98.

OLIVEIRA, A. A. S.; SANTOS JUNIOR, P. S.; BUENO, L. D. ; ROCHA, M. L. B. . *Criação icônica: objetivação da imaginação e expressão de interconexões culturais..* In: ROSIANE XYPAS; ELAINE M. COSTA-FERNANDEZ; CANDY MARQUES-LAURENDON. (Org.). *COMUNICAÇÃO E INTERCULTURALIDADE EDUCAÇÃO, NOVAS TECNOLOGIAS E LINGUAGENS*. 1ed.Recife: Editora UFPE, 2018, v. 1, p. 285-298.

PRESTES, Z. R. *Quando não é a mesma coisa: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil: repercussões no campo educacional*. 2010. 295 f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

RHODEN, C. *Tarja branca: a revolução que faltava*. (Documentário). Maria Farinha Filmes. São Paulo, 2014.

SANTOS, L. G.; LEÃO, I. B. *O inconsciente sócio-histórico: aproximações de um conceito*. *Psicologia & Sociedade*. [online]. 2014, vol.26, n.spe2, pp.38-47. ISSN 1807-0310. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822014000600005>.

SANTOS, L. G.. *Inconsciente: uma reflexão desde a Psicologia de Vigotski*. 2015. 219 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

SAWAIA, B. B.; MAHEIRE, K. *A psicologia sócio-histórica: um referencial de análise e superação da desigualdade social*. *Psicologia & Sociedade*, 26(n. spe. 2), 1-3. São Paulo, 2014.

SILVA, T. L. G.; BRUNET, E.; LINDERN, D.; PIZZINATO, A. *O normal e o patológico: contribuições para a discussão sobre o estudo da psicopatologia*. *Aletheia*, Canoas , n. 32, p. 195-197, ago. 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000200016&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 set. 2018.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social na mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes,1984.

VYGOTSKY, L., S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L. S. *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*. Tradução Paulo Bezerra - São Paulo: Martins Fontes. 1999a.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da Arte*. Tradução Paulo Bezerra.- São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

VIGOTSKI, L.S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância*. Tradução Zoia Prestes – São Paulo: Ática, 2009.

WEDEKIN, L. M. *Psicologia e arte: os diálogos de Vigotski com a arte russa de seu tempo*. Tese (doutorado)- Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Santa Catarina, 2015.